

TRIDUO PASCAL

“DOAÇÃO/ ENTREGA – PAIXÃO/ ANIQUILAMENTO – RESSURREIÇÃO/ VIDA”

O Tríduo Pascal é ponto culminante do mistério da “vida – morte – ressurreição”, de Jesus Cristo crucificado, morto e ressuscitado. São três dias que nos envolvem na totalidade do mistério pascal, e não apenas um tríduo em preparação à Páscoa. É centro e cume do Ano Litúrgico, faz memória de Jesus Cristo que, na sua entrega incondicional ao Projeto do Reino em obediência ao Pai, redime a humanidade e dá perfeita glória a Deus, pois que, “morrendo destruiu a morte e ressuscitando restaurou a vida”, para toda a humanidade e para toda a criação.

O Tríduo Pascal tem início com a celebração da “Ceia do Senhor”, também chamada de “Última Ceia”, na missa vespertina da Quinta Feira Santa; passa pela noite de “vigília –discernimento”, num mistério indecifrável; entra na Sexta Feira Santa com a “memória da paixão – condenação – morte de cruz” de Jesus; segue no dia de sábado, que nos envolve num “silêncio esperançoso” de boas notícias; chega ao seu ponto alto na “Vigília Pascal” e termina no entardecer do Domingo da Páscoa - Ressurreição.

A “**Quinta feira Santa**”, na tradição da Igreja é o dia da instituição do sacerdócio e da Eucaristia. Pela manhã bispo e sacerdotes concelebram na Missa do Crisma, manifestando a unidade com o único sacerdócio de Cristo e na qual são abençoados o óleo dos catecúmenos e o óleo para a Unção dos Enfermos. Ao entardecer a comunidade de fé se reúne para celebrar a Missa da Ceia do Senhor e nela acontece o rito do “Lava – pés”.

Entrando no coração da liturgia, neste dia celebramos o “amor que se doa na cruz e na glória”; a consolidação do projeto de Jesus na “Ceia – doação”, que nos leva à descoberta do “amor-serviço” e à comprometida memória do “mandamento novo” (Jo 15,7-17), do “ministério da doação - serviço” (Lc 22,14- 20. 24 – 30) e do “gesto do lava-pés”, expressão da missão-serviço de Jesus, que se consuma na cruz (Jo13, 1-17).

A “Ceia de Jesus com os Apóstolos”, ou a “Última Ceia de Jesus”, a “Ceia Judaica” (hebraica), na qual os judeus recordam e revivem a sua Páscoa, a festa da libertação do Egito (cf. Ex 12, 1-28 e Dt 16,1-8), Jesus a antecipa por um dia da páscoa oficial dos judeus, antes de ser preso e levado à morte de cruz e realiza com os seus, a sua “Páscoa/Eucaristia” (1Cor 11, 23-26), seu real sacrifício realizado no Calvário e na Cruz.

A comunidade cristã celebra a libertação em Cristo e por Cristo, na simbologia da Ceia Pascal: o “Cordeiro Pascal” é o próprio Jesus que se oferece incondicionalmente ao “sacrifício de expiação, de louvor e de agradecimento ao Pai”, e confirma a “definitiva aliança de Deus com toda a humanidade”, redimida do poder do mal e da morte, ratificada pelo sangue de uma vítima perfeita com um sacrifício perfeito (cf. Lc 22,10; Hb 10,10). Os gestos e palavras do sacrifício, “pão repartido e vinho partilhado” por Jesus – “comer a carne e beber o sangue” de Jesus para ter Vida (Jo 6,53) – “Corpo dado e Espírito entregue” de Jesus (Lc 22,19), unidos e separados, são sinal misterioso de vida e de morte: da morte surge a vida, da dor surge a alegria.

A “Eucaristia/Páscoa de Jesus” é serviço de quem ama até as últimas consequências do amor capaz de dar a vida. O gesto de Jesus de tirar a túnica, cingir-se com a toalha, abaixar-se aos pés dos discípulos indica a dinâmica do amor que dá a vida;

revela o verdadeiro rosto do Pai, que é Amor (1Jo 4,8.16), pois, “[...] sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo pra o pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo13,1). O gesto de lavar os pés, expressão profética e realização do “amor - serviço - doação” na vida de Jesus, que passou entre nós fazendo o bem, que foi entregue à morte e ressuscitado por Deus (At 2,22-24) é convocação e proposta para todos os que Nele crêem, a refazer gestos de serviço que tornem presente este amor de Cristo pelos seus (cf. Jo 13,1-30).

A “**Sexta Feira Santa**”: memória do amor levado ao extremo; dia de contemplação do caminho de “entrega-sofrimento-morte de cruz”. O dia em que o cordeiro é sacrificado, preparado e assado para a celebração da páscoa judaica, é o dia em que Jesus, que havia celebrado a “ceia-doação” com os seus, mas por eles abandonado e entregue aos “chefes deste mundo” (cf. Jo 18 – 19; Mt 26 -27; Mc 14-15; Lc 22-23), faz o caminho de sua entrega incondicional a Deus: no Horto das Oliveiras, na noite do sofrimento, numa atitude de profunda humildade, põe-se de joelhos e pede: “Pai afasta de mim este cálice, contudo, não se faça a minha vontade, mas sim a tua” (Mc 14,36); na luta e no discernimento que o faz suar sangue, encontra a paz na entrega total ao Pai (Lc 22, 43-44); na cruz, com a certeza que o projeto do Pai em relação a humanidade está realizado a Ele se entrega: “Pai em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46/ Sl 31,6), pois “tudo está consumado” (Jo 19,30). A noite da sexta feira traz consigo o dia de sábado envolto num recolhimento contemplativo, que com a chama da esperança que brota da fé e do silêncio interior faz acreditar, que assim como a escuridão da noite se transforma em luz do dia, a morte de Jesus não é o fim de tudo, mas começo de algo novo.

A “**Vigília Pascal**”, celebrada depois do anoitecer do Sábado e antes de amanhecer do Domingo da Ressurreição com uma rica simbologia envolve num grande e profundo MEMORIAL da ação criadora – salvadora de Deus, desde a Criação à Ressurreição, numa grande celebração em quatro momentos: a “Celebração da LUZ”, “Liturgia da PALAVRA”, “Liturgia BATISMAL” e “Liturgia EUCARISTIA”. Celebramos com a “luz”, primeira criatura na criação de Deus é força fecundante, indispensável para que haja vida. Deus a proclama boa e ela exalta o que é belo e bom. Celebramos com o “fogo”, essencial na vida cotidiana que ilumina e aquece, simbolicamente recorda o amor, a paixão e o calor humano, sinaliza a presença e ação de Deus no mundo (1Rs 19,12) de sua manifestação que convoca à missão (Ex 3,1-2ss; 19,18ss; Is 6,6; Ez 1,4). Celebramos com o “círio” expressão do Cristo Ressuscitado, aceso com o “fogo novo”, espalha a luz da ressurreição que vai rompendo as trevas dando espaço para a “nova criação”, nascida da luz da ressurreição. Celebramos com a “água”, símbolo da vida, presente na história da criação-salvação: águas da Criação, geradora de vida; águas do Dilúvio e do Mar Vermelho que purifica, regenera e salva; águas do Jordão do batismo de Jesus que convocam á missão pelo Reino; água que jorra do lado de Jesus Crucificado, que implicou sua vida até á última gota de sangue a nosso favor; águas abençoada na Vigília pascal para o Batismo de todos os que seguem o caminho de Jesus Ressuscitado

Celebramos a Palavra, o Batismo e a Eucaristia que alimentam e renovam a fé, e levam a proclamar que, “ressuscitado e vivo é o nosso Deus”. Banhados e regenerados pela água batismal celebramos com Cristo Ressuscitado, uma vida nova como pessoas novas porque “Ele vive e podemos crer no amanhã”. Somos o novo povo que caminha

na esperança rumo ao Reino definitivo em comunhão com o Senhor Ressuscitado, nossa Páscoa. Somos com Ele ressuscitados para o novo que há de acontecer, alicerçado na paz, na justiça, no amor, na concórdia e na fraternidade, onde a Eucaristia acontece como lugar e espaço de partilha, e comunhão de ação - missão.

A celebração do Tríduo Pascal nos revela e pauta o programa que somos convidados/as a seguir na vida com Jesus: acolher a cruz e a dor do cotidiano é fazer acontecer ressurreição; a dor contém a alegria, a dor e a morte são “ingrediente” imprescindível para gerar alegria de vida (Jo16, 20-23); esquecer de si e perder-se por Cristo e pelos irmãos é vida que brota da morte: “se o grão de trigo não cai na terra e não morre, fica sozinho, mas se morre produz muito fruto” (Jo 12,24); esvaziar-se de si para deixar-se preencher da vida nova, da liberdade em Cristo; expor-se à misericórdia daquele que nos amou até o fim; deixar-se tomar pela dinâmica da caridade, do amor partilhado, pois a Páscoa é um passo da “morte para a vida”, da “escuridão à luz”, do “jejum ao banquete da vida”.

A Campanha da Fraternidade com o tema “Fraternidade a Tráfico humano” nos abre essa possibilidade e nos convoca a ouvir o clamor por mais vida “acolhida, respeitada e liberta”, e na esperança seguir tecendo fios de solidariedade na defesa da vida das pessoas “traficadas”, dando um basta a essa realidade que desumaniza e envergonha nossa humanidade. Vamos, portanto, empreender a luta para romper as correntes que impedem a liberdade da pessoa humana, pois, “É para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1).

Cuiabá, Páscoa de 2014
Irmã Maria Aparecida Furlani